

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2012v14n1-2p213>

STANG, Carla. *A walk to the river in Amazonia: ordinary reality for the Mehinaku indians*. New York: Berghahn Books, 2012. 221p.

Thiago Mota Cardoso

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: thiago_txai@yahoo.com.br

Carla Stang, em *Walk to the river in Amazonia: ordinary reality for the Mehinaku indians*, inicia sua caminhada etnográfica traçando sua experiência, os sentidos, a visão e a escuta, acionados no caminhar por uma trilha em companhia de Wanakuwalu, sua amiga e acompanhante. A leitura dessa instigante etnografia sobre os Mahinaku do alto Xingú nos mostra que a prática do andar e do caminhar como experiência cotidiana ou ordinária tem muito a nos oferecer sobre as experiências e os conhecimentos sobre o mundo do “outro” e pode ser vista como um “alvo” do trabalho antropológico.

O caminhar como experiência antropológica e fenomenológica, em que o caminhante (seja a etnógrafa ou seus interlocutores), ao estar-ser no mundo, ativa uma distintividade outra na forma do sentir e agir, num movimento que oferece *insights* para um olhar etnográfico. É na experiência ordinária, especialmente nas experiências de vida onde nada em particular está acontecendo, como no caminhar, que Carla Stang se questiona sobre o senso de realidade Mehinaku, propondo uma “antropologia do intersticial” que compreenda como os esquemas mais abstratos elaborados pelos antropólogos (como cosmologia, sociabilidade, personalidade etc.) são experiencialmente vividos na atualidade. É justamente essa escrita sobre a experiência vivida, ou a consciência dos Mehinaku, o objetivo etnográfico desta obra.

O conceito fenomenológico de *experiência vivida* é central na obra de Stang. Ela situa seu trabalho dentro da tradição fenomenológica da antropologia, com influências do empirismo radical de Michel Jackson, na qual se utiliza da abordagem da consciência humana na

vida imediata e substancial, e do pragmatismo de William James e suas ideias de que a consciência é o fluxo da vida imediata. Através da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, a autora articula os conceitos antropológicos-fenomenológicos numa escrita sobre as diversas dimensões da experiência vivida, em que as pessoas são vistas como *seres-no-mundo* e não como sujeitos que transcendem o mundo e a partir dele o objetivam e realizam elucubrações abstratas e cognitivas. Além dessas influências, a proposta da autora se aproxima da *antropologia do cotidiano* de Joanna Overing (1999), com diferenças sutis entre os trabalhos. Esta abordagem fenomenológica busca desconstruir a dicotomia entre sujeito e objeto, numa fusão que vacila entre um senso de si mesmo como sujeito e como objeto num certo *continuum* da experiência humana. As categorias culturais, nesta proposta, são padrões dinâmicos de associações ativados no fluxo da experiência vivida. Para Stang, a proposta fenomenológica “nos compele a olhar a experiência que está contida na noção estruturalista de função simbólica”, *a experiência da experiência*. Arrisco-me a dizer que *Walk to the River* é uma etnografia que, mesmo sem citações no texto, se aproxima da proposta de trabalho antropológico *on foot*, como a desenvolvida recentemente por Tim Ingold (2008) e seus colaboradores.

A autora, se propondo a realizar uma “pura descrição da consciência” Mehinaku, descreve a experiência ordinária como um corpo coerente de significados retratados em termos de categorias, conexões e dinâmicas. Tal estratégia esquemática focada no significado é tida como apenas um instrumento de descrição da experiência vivida, da consciência e não como algum tipo de ordem conceitual que existe por si mesma detectável no inconsciente. Sendo assim, Stang propõe tornar compreensível o andar das pessoas num quadro mais amplo da experiência Mehinaku, mas para tal investida ela explicita alguns pontos críticos do método etnográfico, já formulados por diversos antropólogos: o primeiro é se seria realmente possível saber alguma coisa sobre as experiências de outras pessoas; o segundo, se realmente for possível este exercício, como se dá o fato de que as interpretações do etnógrafo afetem seus achados; e, por último, caso seja possível compreender a experiência do outro e que as interpretações sejam

válidas, como converter esse fluxo da vida em palavras compreensíveis para o leitor. Acreditando ser possível esse exercício antropológico, a autora organizou o texto de forma a integrar todos os capítulos num *continuum* que vai do relato do andar da autora (capítulo 1), passando por vários aspectos da experiência vivida no mundo Mehinaku em geral (capítulos 2, 3, 4 e 5), encerrando com uma conclusão e com o andar de sua interlocutora Wanakuwalu.

De início temos uma etnógrafa descrevendo sua própria caminhada, *My Walk*, como uma narrativa e leitura pouco familiares com a vida Mehinaku e sua visão de mundo. No andar Carla reflete sobre sua experiência ao assistir a dança *Kayapa e*, ao invés de focar numa investigação dessa dança, se pergunta “por que não estudar os momentos depois e por entre, ou seja, a ‘experiência de uma realidade ordinária’” entre eventos e rituais de maior evidência? No fim da obra, após passar por entre o mundo Mehinaku, a autora retorna ao caminhar atenta aos termos do mundo vivido de seus interlocutores, em *Her Walk*, cujas experiências ordinárias do andar revelaram mundos substancialmente construídos e cosmologias erigidas na socialidade e na prática cotidiana.

É entre os capítulos *My Walk* e *Her Walk* que a autora desenvolve com maior substancialidade o que ela mesma denomina como a *experiência vivida* e a *consciência Mehinaku*. No segundo capítulo, através de um exercício ontológico, Stang inicia uma exploração sobre a noção de realidade com um questionamento sobre a materialidade ou a substancialidade da existência dos diversos entes, como a alma, os espíritos dos animais e das árvores e as ideias, e suas relações para os Mehinaku. Para ela, os Mehinaku enxergam o mundo em termos puramente materiais, sendo substanciais todos os aspectos da existência, porém a configuração da realidade, desde os tempos da criação dos seres, do corpo humano e não humano e seus sentidos, a existência dos espíritos *apapanye* e a ação dos diversos fenômenos climáticos e astronômicos, se dá de forma distinta da forma como os ocidentais compreendem o que seja a realidade. A substancialidade do mundo Mehinaku se configura como um mundo de “peles” e de “capas” em constante mudança, gerado por um eterno arquétipo *yeya* que existe

na paisagem atual desde os tempos da criação dos seres. Esses entes conformam diversas realidades – uma “realidade consensual” – para os Mehinaku, o mundo dos vivos, dos mortos e de *apapanye*, realidades que são projetadas ou “desencapadas” de acordo com o posicionamento e o estado de consciência do corpo no mundo. Stang nos apresenta uma visão de mundo em que o corpo-alma é tido como mero envoltório, ou capa, que pode afetar ou ser afetado pelas realidades. Essa visão, como a autora pontua, se distingue das recentes versões do animismo e do perspectivismo amazônico ao evidenciar que, para os Mehinaku, as intencionalidades, ou as almas, dos diversos seres não são uma unidade espiritual humana em corpos (ou capas) distintos, mas um mundo repleto de almas diferenciadas em termos do estado de “selvageria” e de suavidade decorrentes de suas ações práticas e de desejos, encapsulados em capas e peles distintas. Em suma, fundindo a noção clássica de animismo – considerando a substancialidade dos entes e relações – sobre diferentes tipos de seres espirituais com o perspectivismo, Stang nos descreve uma ontologia da diversidade espiritual-corporal, um afetando ao outro, conformando níveis de realidades humanas e não humanas e não necessariamente um mundo com fundo humano e diversas naturezas.

Após descrever a configuração do mundo na experiência Mehinaku, Stang passa a discutir, no terceiro capítulo, os aspectos dinâmicos dessa configuração, a natureza geral dos movimentos dos entes como um fluxo contínuo, conscientemente construído, entre as estruturas das experiências. A autora descreve como os seres em movimento transpassam por entre e por dentro das fronteiras que dividem as duas principais configurações da realidade dos Mehinaku: o plano vertical, entre a terra onde vivem os humanos e os *apapanye* e o céu, lugar dos mortos e das aves; e o plano horizontal, entre o local das residências dos Mehinaku, das suas roças, quintais e capoeiras, e o mundo das florestas, dos sonhos e dos espíritos. Este último plano configura um zoneamento circular concêntrico de organização da paisagem na qual os entes se distribuíam e se movimentariam de acordo com o controle que possuem de seus desejos e impulsos instintivos e passionais. Desejos estes que, segundo Stang, impulsionam e forçam o

movimento perpétuo entre os diversos entes, incluindo os Mehinaku, por entre as fronteiras dos planos verticais e horizontais, dando origem a transformações, cuidados, negociações e precauções por parte do vivente diante dos espíritos-corpos *apapanye* e dos mortos. Manter a moderação do ímpeto e do desejo, através de um comportamento cotidiano rigidamente estabelecido, se constitui como prática central da experiência dos Mehinaku perante as diversas realidades em que vivem, mantendo assim uma certa “harmonia” no plano cosmológico. O rompimento drástico – ou o potencial de – das fronteiras entre os mundos por parte de forças terríveis e incontroláveis, deve ser evitado e, ao ocorrer, práticas ardilosas de reciprocidade devem ser realizadas, principalmente pelos xamãs (*yatamas*), para apaziguar e controlar a ação dos *apapanye* e manter a integridade dos corpos, o que Stang denomina de “complexo *uwekehë*”. Os Mehinaku, através do cultivo de relações com os *apapanye* ou até a transformação de seus corpos-capa humanos em espírito-corpo *apapanye*, operam práticas e comportamentos que buscam conscientemente pôr em risco as fronteiras entre os mundos. Operações denominadas por Stang de “dinâmicas ousadas” (*daring dynamic*). O operar dessas duas dinâmicas opostas – “complexo *uwekehë*” e a “dinâmica ousada” – uma conservativa e outra de risco, faz parte de um processo de tensão criativa no cultivo da “felicidade” no ponto de vista Mehinaku: o ideal de *awëshëpai*. Segundo a autora, este capítulo trata de um dos mais típicos temas antropológicos, como os modelos de fluxo e de relação entre humanos e não humanos que possuem implicações nas discussões sobre as ontologias amazônicas.

Nos dois capítulos anteriores, Stang investiga a experiência geral da realidade dos Mehinaku, as suas categorias fundamentais, conexões e dinâmicas da existência dos entes. No capítulo quatro, ela empreende um exercício de compreensão do que seria um conceito para esse povo, ou seja, qual seria seu conceito sobre o conceito e como eles experienciam a *experiência na consciência*. Nesse caminho, a autora examina como os Mehinaku percebem as coisas e de que forma criam associações entre elas. Para Stang, estas associações possuem um senso substancial e são produzidas por certa “história lógica”, expressas em narrativas, histórias e mitos que, ao mesmo tempo são retomados a

termo nos rituais. Este capítulo, com foco no trabalho da consciência, problematiza as categorias nativas, *the concept of a concept* para os Mehinaku, oferecendo para a reflexão antropológica uma luz particular sobre as teorias acerca do ritual e das narrativas. Finalizando o seu esquema sobre as experiências Mehinaku, a autora passa a discorrer sobre a experiência social desse povo. Para Stang, os xamãs (*yatama*) e os feiticeiros (*ipyamawékéhë*) se destacam do restante da sociedade Mehinaku, formando dois tipos especializados de ser humano nos quais, diante deles, a comunidade em geral se observa como ordinária. Por outro plano, a autora descreve o complexo e contencioso tema do gênero, apresentando as diferentes visões dos sujeitos e de como este tema vem sendo tratado na literatura alto-xinguana. Por fim, discute a socialidade da vida Mehinaku, incluindo em sua descrição os ideais comportamentais, a realidade da vida social e os movimentos das instituições e da política na configuração do social, operando uma comparação etnográfica com os estudos do Alto Xingu e da Amazônia em geral.

Walk to the River in Amazonia é um texto etnográfico de leitura agradável que, mesmo sendo excessivo em suas notas de rodapé, se apresenta como um contínuo conectado por sínteses ao longo do final e do início de cada capítulo, conformando um certo ar didático no decorrer da leitura. Creio que este trabalho apresenta uma contribuição original para a compreensão da experiência da vida vivida, cotidiana, e da realidade intersticial, da consciência e da cosmologia Mehinaku e, portanto, para a etnologia ameríndia. Contribui, também, para uma *antropologia do espaço e da paisagem* ao colocar que, diferentemente do pensamento ocidental, os entes – suas relações e percepções – não estão deslocados do mundo, pelo contrário, são formadores e formados por este mundo relacional. Uma originalidade dada pelo seu caráter fenomenológico, diríamos, único na literatura sobre os povos xinguanos. Em termos metodológicos o texto de Stang expressa os aspectos salientes da vida indígena, dando primazia para a prática e para a materialidade da vida, subordinando os esquemas abstratos ao operar da consciência.

Considera-se que, assim como a autora mesma registrou em suas páginas, o trabalho é deficiente em termos comparativos com

a literatura sobre o Xingu e os povos amazônicos. Ao mesmo tempo perde sua força ao tratar o social apenas como relações entre sujeitos humanos, mantendo a concepção clássica de sociedade como definido pelas ciências sociais e, diante disso, perdendo a oportunidade de alargar o social a outros entes não humanos – como visto ao longo da descrição da configuração do mundo Mehinaku e suas relações.

A etnografia do andar/caminhar apresenta ao longo de seus capítulos centrais uma fascinante descrição e interpretação sobre a experiência de mundo dos Mehinaku, através da qual podemos compreendê-la como um exemplo interessante da noção de sociocosmologia. No entanto, quanto ao foco central de sua obra, que é justamente o caminhar/andar junto com Wanakuwalu como parte da vida ordinária, o qual a autora descreve compreensivelmente nos capítulos *My Walk* e em *Her Walk*, fica a impressão nestas pequenas caminhadas que ela falha precisamente no que o livro como um todo apresenta ao leitor: formas de compreender a cosmologia Mehinaku não como exótica, mas como parte integral da vida cotidiana, das emoções e da prática. Apesar do andar ser o foco central da etnografia, o texto final (*Her Walk*), que descreve esta caminhada, torna Wanakuwalu menos compreensível do que o povo descrito nos capítulos anteriores no qual Stang relata a sua experiência de caminhar para o rio.

Uma leitura interessante que nos oferta caminhos, como se propõe a antropologia em seu cerne, para o diálogo com nós mesmos, onde a experiência Mehinaku da natureza múltipla e perspectiva da realidade e o cultivo da consciência podem ser de interesse tanto para a filosofia como para físicos, psicanalistas e andarilhos de toda ordem.

Referências

INGOLD, Tim; VERGUNST, Lee. *Ways of walking: anthropological studies on creativity and perception*. Hampshire: Ashgate, 2008.

OVERING, Joanna. Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1999.

Recebido em 01/08/2012

Aceito em 20/08/2012